



escrita 47

guatá - cultura em movimento - maio de 2017

palavras

Alana Carla Borges

Angélica Pereira

Áurea Cunha

Carla Santos

Cristiane Grando

Emílio Fernandes Jr.

Gabriel Córdilho

Gime Machado

Iara Rossini Lessa

Márcio dos Santos

Mona Lisa da Silva

Paulo Bogler

Rafaela Martins

Silvina Sosa

Silvio Campana

Valentina Virginio

Victória Nogueira

Yuma Martellanz

olhos

Alana Carla Borges

Alejandra Morales

Amanda Engel

Áurea Cunha

Carla Santos

Fernando Gomes

Flávio Júnior

Lalan Bessoni

Taisa Lewitzki

Yuma Martellanz



Suqtel

Segunda a Sexta, das 7 às 18h30 | Aceitamos
Aos Sábados, até 14h30 | cartões de crédito

Em Foz do Iguaçu:

L1 - Rua Quintino Bocaiúva, 653 - Fone: (45) 3572.5272

L2 - Rua Xavier da Silva, 649 - Fone: (45) 3523.9101

Café
Sucos naturais
de frutas e de polpas
Refrigerantes

Doces & Salgados
Lanches
Refeições Rápidas

Pastéis Especiais
preparados na hora

SUQTEL TAMBÉM EM SANTA CATARINA:

Joinville - Fone: (47) 3433.4650 / Blumenau - Fone: (47) 3336.0975

Jornalismo e Análise

Agenda, vídeos, textos analíticos
e reportagens exclusivas
sobre a região das Três Fronteiras.

Front Press

O site da região trinacional

www.frontpress.com.br

Áurea Cunha fotografias



Retratos - Reportagens - Publicidade
Filmagens - Tratamento e edição de imagens digitais

Fone: (45) 99977.4490
aureamcunha@yahoo.com.br



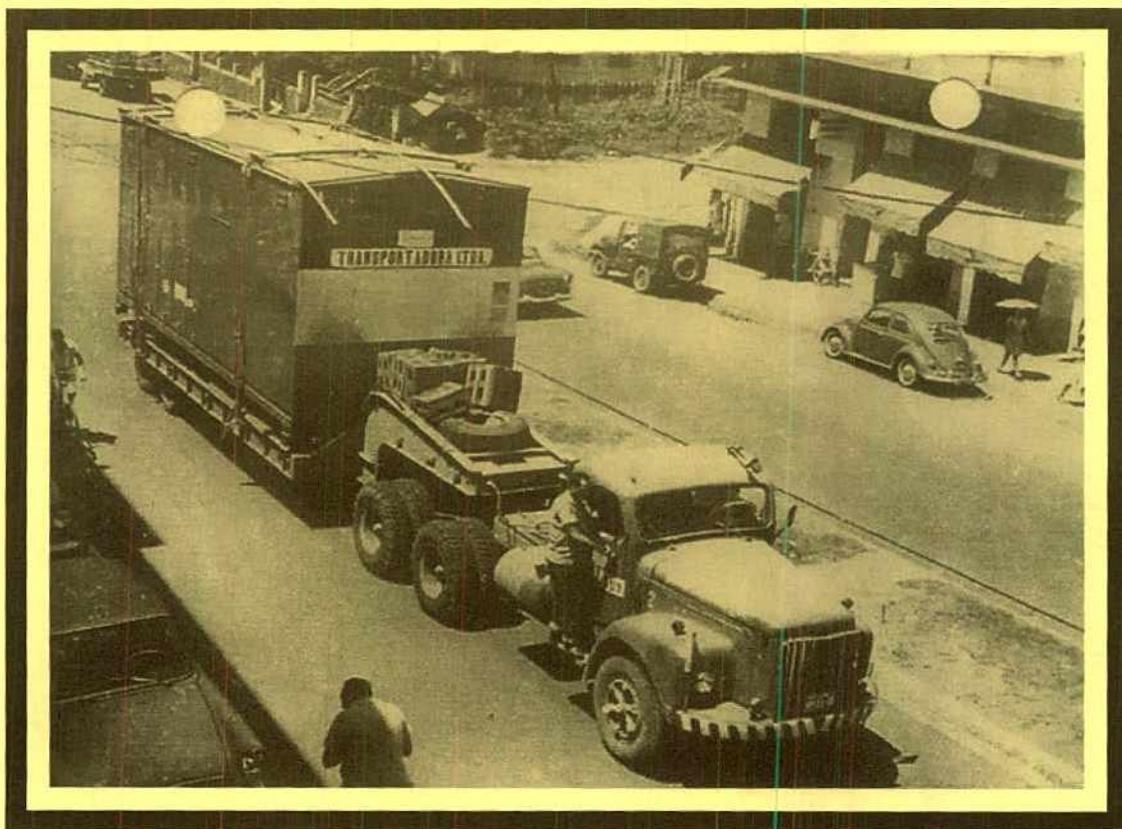
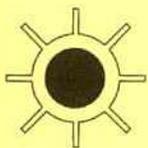
É proibida a entrada, mas ainda quero falar:
Viver é melhor que sonhar

Vejo vir vindo no vento o cheiro da nova estação
Sinto tudo na ferida viva do meu coração
Olha, o show já começou, é bom não se atrasar
Viver é melhor que sonhar

Belchior

Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes
Cantor, compositor, poeta e pintor brasileiro (1946-2017)

☀ 'Asas', fotografia de Flávio Jr., estudante em Redenção, CE.



memória

Na década de 60, Foz do Iguaçu passou a receber energia elétrica gerada a partir de uma usina dotada de motor à diesel. A usina funcionou em um prédio no bairro M'Boicy, na atual avenida Jorge Schimmelpfeng. No fundo, o rio M'Boicy.

Na foto, em primeiro plano, o caminhão transportando o motor a ser implantado, desfilando na avenida Brasil, centro da cidade. Á altura da esquina com a rua Edmundo de Barros e suas pequenas lojas de comércio.

(Foto sem autoria definida. Cedida por Joni Palma de seu acervo particular a Aluizio Palmar).

Belchior (03) - Flávio Jr. (03) - Iara Lessa (06) - Alejandra Morales (07)
 Maria Zaracho (08) - Taisa Lewitzki (09) - Márcio dos Santos (10) - Gabriel Cortilho (12)
 Mona Lisa da Silva (14) - Lalan Bessoni (15) - Yuma Martellanz (16) - Carla Santos (19)
 Cristiane Grando (20) - Áurea Cunha (21) - Rafaela Martins (24) - Amanda Engel (26)
 Valentina Virginio (26) - Gime Machado (27) - Angélica Pereira (27) - Flávio Jr. (27)
 Silvina Sosa (28) - Fernando Gomes (28) - Alana Rauptt (29) - Victória Nogueira (29)

escrita 47



Escrita é uma publicação
 da Associação Guatá - Cultura em Movimento,
 entidade de finalidade artística cultural,
 sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.
 Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Paulo Bogler,
 Richard de Souza e Silvio Campana
 Editor: Silvio Campana - Mês 2017: 3025/11131.

Revisão: Carmen dos Santos - Foto da Capa: Taisa Lewitzki
 - Projeto Gráfico: Silvio Campana
 Foto e impressão: Gráfica Ideal, Tiragem: 2 mil exemplares



Guatá
 cultura em movimento

Visite-nos:
www.guata.com.br

Contate-nos:
guata@guata.com.br

facebook:
 guata cultura em movimento

Com a nossa vontade e vozes amigas

A capa da 47 é baseada numa imagem bem apropriada para expor a nossa maneira de estar nesta fronteira trinacional. Dela, antes de tudo, fazemos a nossa reverência às culturas originárias e seus direitos. A foto feita por Taisa Lewitzki, em 2014, mostra uma cena cotidiana da aldeia Jacy Porã, de M'byas Guarani, no território argentino. É, ao mesmo tempo, homenagem e um grito por atenção a quem mora nestas terras faz muito tempo.

A cultura dos Guarani está viva, dinâmica. Indica cores e musicalidade para o verde e o ocre das terra ribeirinhas do Iguazú. E o povo resiste e luta ao seu modo e pelo seu modo. Respeito e direitos, já!

Tais, à época estudante da Unila, em Foz, agora cursa mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal do Paraná. Divide seu tempo entre os assuntos acadêmicos e o desenvolvimento de um trabalho de organização e propagação da cultura em Góes Artigas, uma pequena comunidade rural no município de Inácio Martins, na região Centro Sul paranaense.

Lá, Taisa e vizinhos seus, organizam uma trincheira importante em defesa dos saberes do povo e uma leitura universal do existir. 'A Casa da Cultura', um projeto permanente

e comunitário oferece atividades culturais associadas à educação popular, por meio da leitura, do audiovisual, de práticas agroecológicas, da economia solidária e de oficinas de formação. Já são parte do mapa daquele rincão uma biblioteca comunitária e o 'Cine Prosa' - que apresenta filmes e colhe cada vez mais histórias. E está combinado que a partir de junho, a coleção completa da nossa revista *Escrita* fará parte das vivências também daquelas paragens.

Nesta edição, a militância da Taisa tem a ótima companhia de outros autores e suas expressões imprescindíveis para o caminhar da Guatá. Fizemos nossos os olhos de Alana Borges, Alejandra Morales, Amanda Engel, Áurea Cunha, Carla Santos, Dias Gomes Fernando, Dieguito, Flávio Júnior, Lalan Bessoni e Yuma Martellanz.

E também ressoamos as palavras de Angélica Pereira, Carla Santos, Cristiane Grando, Emilio dos Santos Júnior, Gabriel Cortilho, Gime Machado, Iara Rossini Lessa, Maria Zaracho Robertti, Marcio dos Santos, Mona Lisa da Silva, Paulo Bogler, Rafaela Martins, Silvina Sosa, Valentina Rocha Virginio e Victória Nogueira.

Esperamos você a bordo, leitor. Venha navegar.



palavras

Alana Carla Borges
 Angélica Pereira

Áurea Cunha
 Carla Santos

Cristiane Grando
 Emilio Fernandes Jr.

Gabriel Cortilho
 Gime Machado

Iara Rossini Lessa
 Márcio dos Santos

Mona Lisa da Silva
 Paulo Bogler

Rafaela Martins
 Silvina Sosa

Silvio Campana
 Valentina Virginio

Victória Nogueira
 Yuma Martellanz

olhos

Alana Carla Borges
 Alejandra Morales

Amanda Engel
 Áurea Cunha

Carla Santos
 Fernando Gomes

Flávio Júnior
 Lalan Bessoni

Taisa Lewitzki
 Yuma Martellanz



Elizângela Lazzaretti

OAB/PR - 27311

Área da atuação:

*Cível, Eleitoral, Família,
Contratos*



Travessa Cristiano o Weirich, 91
Sala 102 - Centro
Foz do Iguaçu - Paraná
Fone: (45) 3029-0221
Cel.: (45) 999590221
e-mail: elizlaz@hotmail.com

**Acesse Culturas.
Assim, plural.
www.guata.com.br**

**Uma página
com o nosso
jeito de falar
pra todo
mundo
dizer!**



epidemiadepoesia

Iara Rossini Lessa

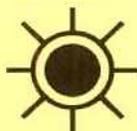
**por um breve momento
mostrei minha nudez.
quase escancarada
meio descarada.**

**por um breve momento
mostrei pra ti
meu desapontamento.**

**mostrei aquilo
que eu nem podia.**

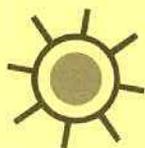
**e quase chorei
pequenas agonias.**

**dei pra ti
o que eu tinha
e nem sabia.**



**IARA ROSSINI LESSA é poeta
e jornalista em Londrina, Pr.**

olhos



| passarela

Fotografia produzida por ALEJANDRA MORALES,
funcionária pública argentina em serviço exterior.
Vive em Foz do Iguaçu, Pr.

epidemia de poesia



Mosca

Los monumentos dan tos
los mitos, alergias.

Una vaca sagrada transita
en medio del camino ,
nadie se atreve a espantarla.

una pequeña mosca,
un mínimo aleteo
un ligero sonido

Sobrevuela un plato de sopa [todavía]
No crea que todo es surrealismo,
Crea que los periódicos
sirven para envolver mandiocas.
En medio del silencio alguien,
alguno,
lanzará un escupitajo.

una pequeña mosca,
un mínimo aleteo
un ligero sonido.

Mberu

Monumento kuéra ñane mbohu'u
mitos kuéra, mba'e mbyaiha.

Una vaca sagrada transita
en medio del camino ,
¿mavapa omombytéta?

Mberu
ayvu
michîmi

Sobrevuela un plato de sopa [todavía]
No crea que todo es surrealismo,
Crea que los periódicos
sirven para envolver mandiocas.
En medio del silencio alguien,
alguno,
lanzará un escupitajo.

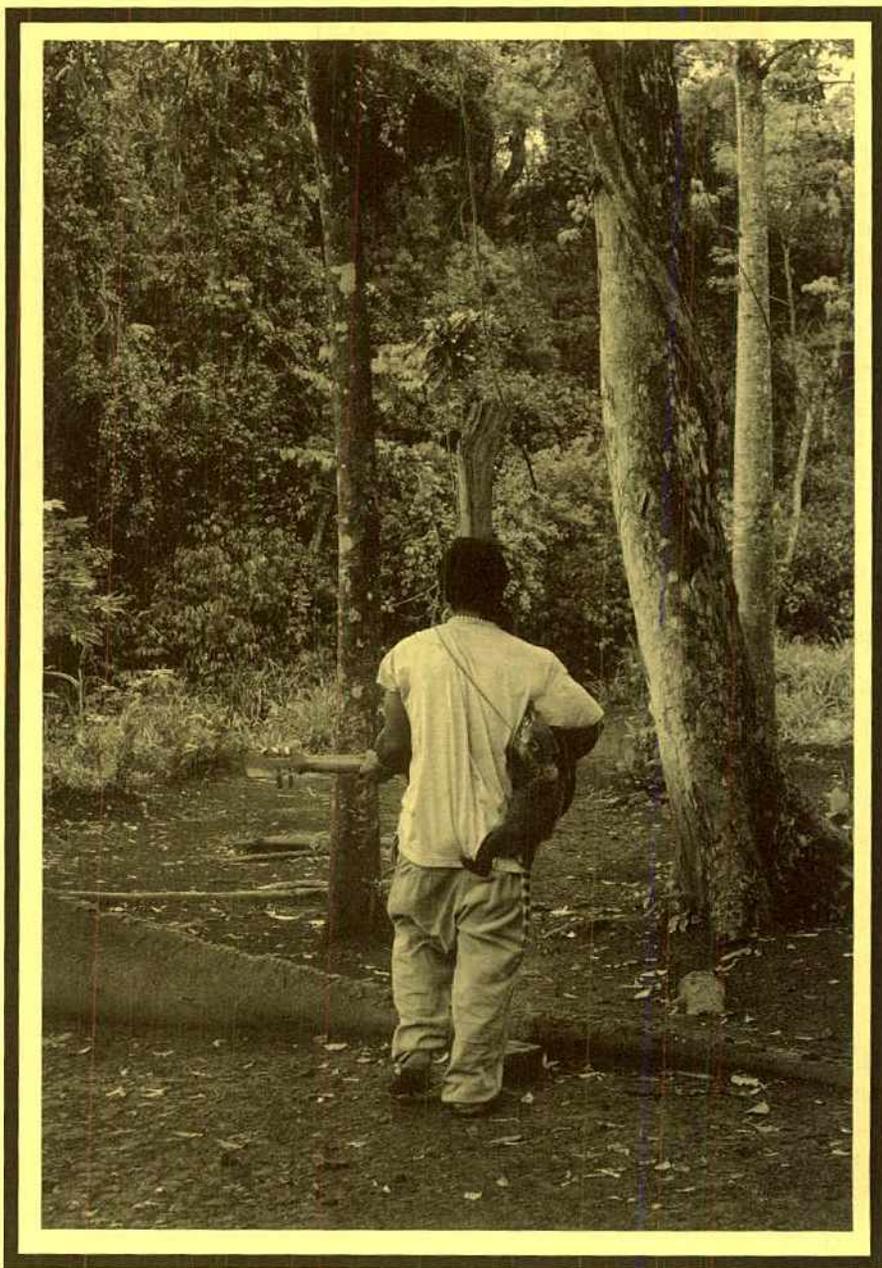
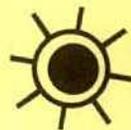
Mberu
ayvu
michîmi,



Maria Zaracho Robertti

Psicóloga, escritora, cinéfila. Vive em Coronel Oviedo, PY.





purahéi (música)

Fotografia de TAISA LEWITZKI, antropóloga
em Góes Artigas, comunidade rural de Inácio Martins, Pr.

Registro feito na aldeia guarani 'Jasy Porã', na Argentina.

Enviar uma carta



O plano era enviar a carta antes de entrar no trabalho. Então, dois senhores, por causa do benefício da idade avançada, são atendidos com prioridade. Anderson tem vinte minutos pra despachar a correspondência. Uma mulher, com mais de sessenta anos, entra na agência e também é atendida antes dele. Anderson confere o horário e pensa que, se aparecer mais um idoso, tudo pode atrasar.

Outras pessoas iriam entrar na agência - pelo menos, dez ou vinte, pouco mais novas, pouco mais velhas que Anderson, naquela manhã, com quarenta e cinco anos. Essas dez ou vinte pessoas, alguns homens, outras mulheres, ficaram atrás dele na fila. Outros, idosos, também chegaram e foram atendidos antes de Anderson e daqueles que não tinham carteira de idoso ou mais de sessenta anos.

Então, após ficar em pé durante trinta, quarenta minutos, caminha até uma cadeira, e senta. Não lembra de ter retirado senha. Talvez, pensa, já não faz diferença perder a vez. Suspira. Fecha, abre os olhos e tem a impressão de não estar na agência do correio. Há caixas eletrônicos, escadas rolantes, parece um banco.

Sentado, Anderson se dá conta de que já deve ter passado o horário de entrar no trabalho e, como não encontra o celular, não pode avisar os colegas. Mas, lembra, adiantou tarefas e, portanto, mesmo presente, não teria o que fazer no escritório. E a carta que iria enviar? Onde está?

Anderson procura nos bolsos da calça, da camisa e do blazer. Nada.

— O próximo?

Segue até o guichê. Está numa agência bancária.

— Senhor Anderson, tudo bem?

— Tudo.

— Em que posso ajudar?

— Sabe...

Anderson conversa com a funcionária do banco, Mônica, o nome está escrito no crachá. Faz um comentário a respeito da economia, arrisca uma piada sobre si mesmo, pergunta as horas, diz estar satisfeito com o atendimento e se despede.

Senta na mesma cadeira onde estava antes de ser chamado e tem a impressão de que esta foi a primeira vez em que não percebeu a passagem do tempo ao esperar e, coincidência, nesta vez não tinha nada a fazer nem o que falar com a pessoa do atendimento.

Já entrou numa agência bancária para pagar uma conta, recebeu a senha 117, o painel eletrônico anunciava a vez para a senha 32 e esperou por mais de quatro horas — idosos chegavam e a preferência era deles. A situação, com algumas variáveis, se repetiu, não lembra quantas vezes.

Anderson saiu do banco e está em pé. Agora, espera para atravessar uma rua. Mas o movimento não para. São carros, motos, ônibus, caminhões, vans, até bicicletas. Não há faixa de pedestre. É preciso aguardar. Mais um pouco. Talvez não por segundos, e sim por minutos, muitos minutos. Uma hora?

Está, faz quase uma hora, na padaria. Apenas uma pessoa atrás do balcão, idosos são atendidos com prioridade e a vez de Anderson não chega. Pretende levar sete pães, duzentas

gramas de queijo e de presunto.

— O pão de queijo é fresco?

— Saboroso!

Quem está na fila conversa.

Às vezes, sem interlocutor.

— Hoje o dia foi pesado.

Há quem cante.

— Hoje é amanhã, e amanhã ninguém sabe.

Anderson segue em silêncio. Saliva, olha pras coxas de uma mulher, pra bunda de outra, pros peitos de uma terceira, e ainda falta muito?

Há mais de dez, vinte, pelo menos trinta pessoas na frente de Anderson. Já despachou a bagagem, duas malas e, daqui a pouco, o avião decola.

— Não poderia entregar a carta pessoalmente?

Anderson não sabe, mesmo, onde deixou a carta, nem para quem escreveu. Se o endereço do destinatário coincidissem com o ponto de chegada do voo, resolveria, enfim, aquilo que pretendia fazer quando acordou.

Saiu dos sonhos do mesmo jeito que vai agora, sem saber para onde está indo. Os passos não são firmes, indecisos, apenas tocam o chão e o impulsionam pra frente.

Tem início o serviço de bordo, Anderson bebe água, olha pela janela e está azul, e não cinza, como estava no momento em que o avião decolou. Se fosse escrever uma carta, quando o avião ainda estava no aeroporto, confessaria estar com medo, medo do avião não subir. Agora, a dez ou doze mil metros de altura, está mais calmo. Talvez, no momento do avião aterrissar, volte a sentir medo. Mas, até lá, pretende pensar em outras coisas.

Não pensa em nada e o avião já aterrissou. Anderson não sentiu medo, talvez estivesse pensando em algo ou, então, se distraiu. Levanta e tem uma fila pra sair. Depois, outra espera, pela bagagem. Em seguida, olha pro chão enquanto não chega o táxi que o levará até um endereço que ele não sabe ao certo onde é.

Seguindo a sugestão de um desconhecido, caminha até uma sala e senta em uma cadeira. Anderson olha pros lados, abre e fecha os olhos. Está, de novo, na agência do correio onde foi enviar uma carta antes de entrar no trabalho. Mas, tem a impressão, há outras pessoas no atendimento e, uma delas, uma mulher, olha pra ele e diz:

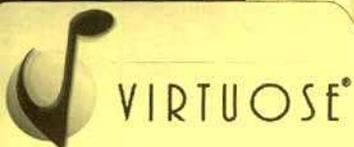
— Pode vir, senhor.

Anderson olha pros lados, pra trás.

— É o senhor mesmo, pode vir. É a sua vez.

Sente dificuldade pra levantar e, enquanto caminha, vê a imagem refletida num espelho. As roupas parecem de outra pessoa. O rosto também. Os cabelos estão todos brancos, usa óculos e segura, em uma das mãos, um envelope com a carta que pretendia despachar. Na outra mão, há uma bengala. ☀





VIRTUOSE®

Escola de música,
teatro, idiomas e pintura

Fones: (45) 3524-6277 e 99818-5917

www.virtuosefoz.com.br

Av. Brodosqui, 1127
Jd Sta Rosa (ao lado da vila A)
Foz do Iguaçu, Pr

BIQUEIRO

Falls Park

Mudas frutíferas
e ornamentais

Fones: (45) 3573.1044
e 9124.6802

Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.

DJ BOGLER

O som que toca o seu estilo!

Aniversário | Balada
Confraternização
Eventos sociais,
culturais e esportivos

45 | 99814.9840



Acesse, curta e siga
a fanpage da Guatá

<https://www.facebook.com/guatacultura>

CORAGEM

Para Fernanda

ao conversar,
silenciosamente,
dentro de ti
não se assuste,
amor
é o som do vento
no vão do teu prédio
espaço da construção
tantos os caminhos
tortuosos
contingentes
nossos passos?
deixam rastros
e os laços, se perduram,
transformam-nos
reinventam
não em aço ou osso,
mas coração:
azul-nuance do céu,
pestanear rítmico das ondas,
manto turquesa das nuvens
devo reconhecer
o que, entre nós,
é lindo de doer:
as tuas pernas
nas minhas,
entrecruzadas
as nossas vidas
na cama
entrelaçadas
o céu azul, rosa, lilás,
ao brotar,
é um mero detalhe
e o que é sólido
feito aço, osso e coração
transforma-se numa batalha
árdua
onde o impulso da lágrima
precede o ímpeto pela coragem

epidemia

SE

**se pudesse, enfim, alçar vôo
desfacelariam as linhas tênues
o soco do tempo não seria assim**

tão implacável

**a vida, largo fio de cobre no osso,
impõe diariamente sua concretude
os homens-relógios seguem a rotina
beijam e sentem o sabor da mesmice
sustentam o amor por suas casas**

de plástico

**ah, se pudesse, enfim, alçar vôo
o desejo não seria vizinho da culpa
e nenhum afeto seria moeda de troca
nossos corpos
aboliriam o subjuntivo
e a longa espera, inócua,
pelo som dos violões**

sem corda

lepoesia

GABRIEL CORTILHO

D I S T O P I A

querer que morra
a possibilidade
do horizonte
faz nascer
o mundo
cinza

**amor
justiça
liberdade**

**presos em poemas
dicionários, leis
constituição
de tanto serem ditas
a esmo, vazias, em vão,
as palavras irão insurgir
sequestrar a retórica
e exigir de resgate
concretude**

OS CORPOS E A METRÓPOLE

unidos pelo vento da noite
ao lado dos ancestrais esquecidos,
questiono-me, em silêncio:
há fixidez no mundo?
por que tantas civilizações
emergem em um corpo?
ah, nossas mãos
sobrepostas
fagulhas no feno
cinza
e lá, nas tantas janelas
vejo microcosmos,
estágios de espírito
mas nenhuma sinalização
para a alma
enquanto isso...
vagalumes pontuam
o manto de todas as noites
uns dormem,
afinal é a morte
de cada dia
outros se enrolam
em minúcias, cigarros,
ligam as televisões,
bebem o leite de ontem
mas realidade segue,
toda mistério
e eu, no alto da jangada
numa cabeça intempestiva
questiono-me, em silêncio
se não somos, afinal,
as plantas

no concreto



GABRIEL CAVALLARI CORTILHO é escritor,
professor de História e músico em Araraquara, SP.

Pigmeu tattoo



(45) 99993-3493

E-mail. Mundharra@gmail.com

Toca do JULiÃO

Todas as vertentes do Rock

**Aqui
só toca
o que
eu quero**

Somente raridades
(shows, ensaios, versões
alternativas e comentários).

Toda sexta-feira um episódio novo

ACESSE E OUÇA!
<https://soundcloud.com/tocadojuliao>

Florescer

Era uma madrugada de quinta-feira e Rosa não conseguia dormir. Seu corpo virava de um lado para o outro na cama e nada dela adormecer. Tudo tinha sido intenso demais e ela, acostumada a não receber esse tipo de afeto, não parava de pensar em tudo o que tinha acontecido.

Tempos atrás, Rosa tinha ido à um terreiro de Umbanda e lhe disseram que ela precisava parar de afastar todos os “pernas de calças” que apareciam em seu caminho, que ela precisava deixar o amor fazer morada. Rosa ficara sem jeito, sorriu desengonçadamente e acenou positivamente com a cabeça como quem diz “sim senhor”, mas Rosa era complicada. Pelo menos em relação ao amor...

Rosa sempre teve dificuldades de se relacionar com as pessoas, principalmente quando a afetividade ultrapassava o campo das amizades. Ela até achava bonito quem amava desesperadamente, deliberadamente, alucinadamente, exageradamente... mas ela não. Ela não conseguia sentir assim e achava que esse tipo de coisa, de sentimento, não era para ela. Ela até tentou algumas coisas, mas o máximo que foi capaz de sentir foi um ventinho na nuca, um sussurro no ouvido, um friozinho na espinha.

Ela era exatamente como todas as mulheres da sua família e desde sempre aprendeu que a luta pela subsistência, que manter-se forte, firme, atenta era mais importante que o amor. Assim, ela aprendera que suas necessidades individuais, de amar, por exemplo, não eram tão importantes quanto a luta por ajudar a manter sua família, com pouca ou nenhuma representação masculina, de pé. Existindo, resistindo.

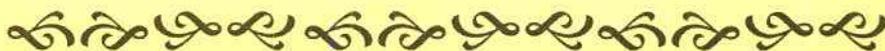
Na juventude, Rosa não brotou. Também podera, diziam os

vizinhos. “Uma neguinha atrevida dessa, quem é que ia querer?” Mas Rosa seguia, o máximo possível sem deixar se abalar. Engolia o choro, reprimia os sentimentos, olhava para suas iguais e seguia a vida, cultivando outras sementes, embora de quando em vez, aquele broto que não veio a florescer, voltava a incomodar. Rosa teve sempre muitos espinhos e sempre que possível, ela ia lá, arrancava todos, respirava um pouco e voltava a caminhar.

Já fazia um tempo que Rosa estava em processo de se conhecer. De se descobrir, se reconectar com ela mesma e aprender a se amar. Rosa foi aos poucos, brotando sozinha, ela tão menina, se viu assim mulher. E se viu tão forte, se viu tão bonita, se viu tão querida, começou a chorar. Perdoou sua mãe, perdoou sua avó, perdoou suas tias. Entendeu que elas, não tiveram tempo de pensar nessas coisas que martelavam em sua cabeça e que só lhe queriam bem. Rosa então começou a mudar, começou a florir.

Demonstrou afeto e compreendeu que às vezes, para fazer-se forte, é necessário chorar. É necessário deixar-se transparecer, transbordar. E demonstrou sem medo e foi seguindo a vida, sem medo de amar.

E um tempo depois, Rosa se amando, começou também, a se enamorar. Rosa relutava, ainda em processo, não sabia como, no rapaz chegar. Volta a insegurança, mas Rosa se lembra, que pra ter afeto, tem que se afetar. E foi dessa maneira, em uma quinta-feira, que Rosa já adulta, já empoderada, já dona de si, com um dos seus iguais, “um neguinho desses, mesmo atrevido, foi até pra fora, dizem que ele foi, foi lá pra estudar”, dizem os vizinhos, que Rosa inteira, foi-se tranpassar. E desse chamego, dessa afetividade, desse afrodego, uma Rosa nova, uma Niara Rosa, em uma quinta-feira, a periferia veio enfeitar.*





Aventuras de Leone

Yuma, Leone e Giorgio, nas águas do Caribe. Em Tortola, Ilhas Virgens Britânicas (Foto de Oscar Garcia)

Pasamos varios años buscando el barco que tuviese la historia, las características y el precio justo para nosotros y otros 2 años preparandolo para el viaje mientras vivíamos a bordo. Es un proyecto que flota también gracias a las gotas de sudor de tantos amigos que nos han ayudado con su tiempo, fuerza y capacidades. Por cierto tener buenos amigos es mucho mejor que tener mucho dinero.

Vendimos el coche y la bici, casa nunca la hemos tenida, nos despedimos de nuestros trabajos y salimos a navegar desde Barcelona a mitad de Octubre 2016, yo, Giorgio y nuestro hijo Leone de 3 años, rumbo Oeste.

No es una fuga, no estamos escapando de nada porque todo lo que teníamos allí era y es bello así como es. Lo que nos mueve es la gana de poder compartir los dos este tiempo con Leone, que es un tiempo de cambios continuos, físicos y mentales, de percepciones de la vida que se van formando, un tiempo que no va a volver, para que sus raíces se pongan fuertes para que pueda ofrecer los frutos mas sabrosos y que germine su gana de vivir y compartir sin distinciones de banderas.

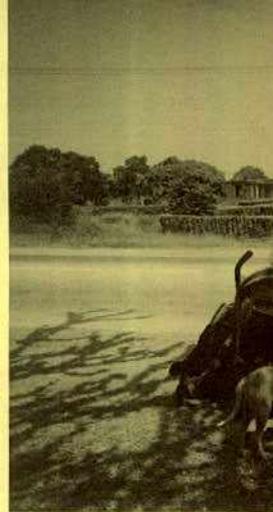
Yuma Martellanz

Na sequência, Leone experimenta a travessia do Estreito de Gibraltar rumo ao Ocidente. À direita, Leone em São Martinho, já nos mares do Caribe. (Fotos: Yuma Martellanz)

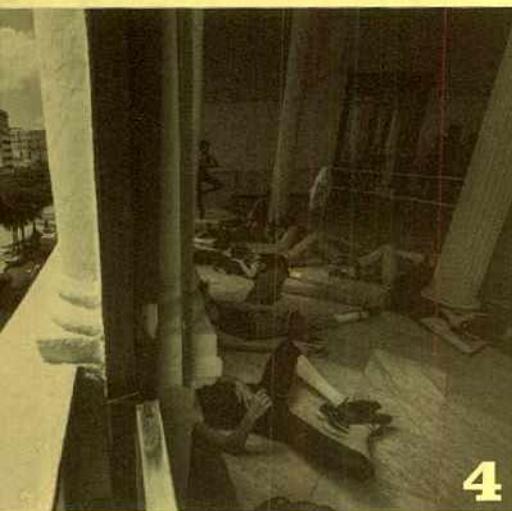


yuma martellanz

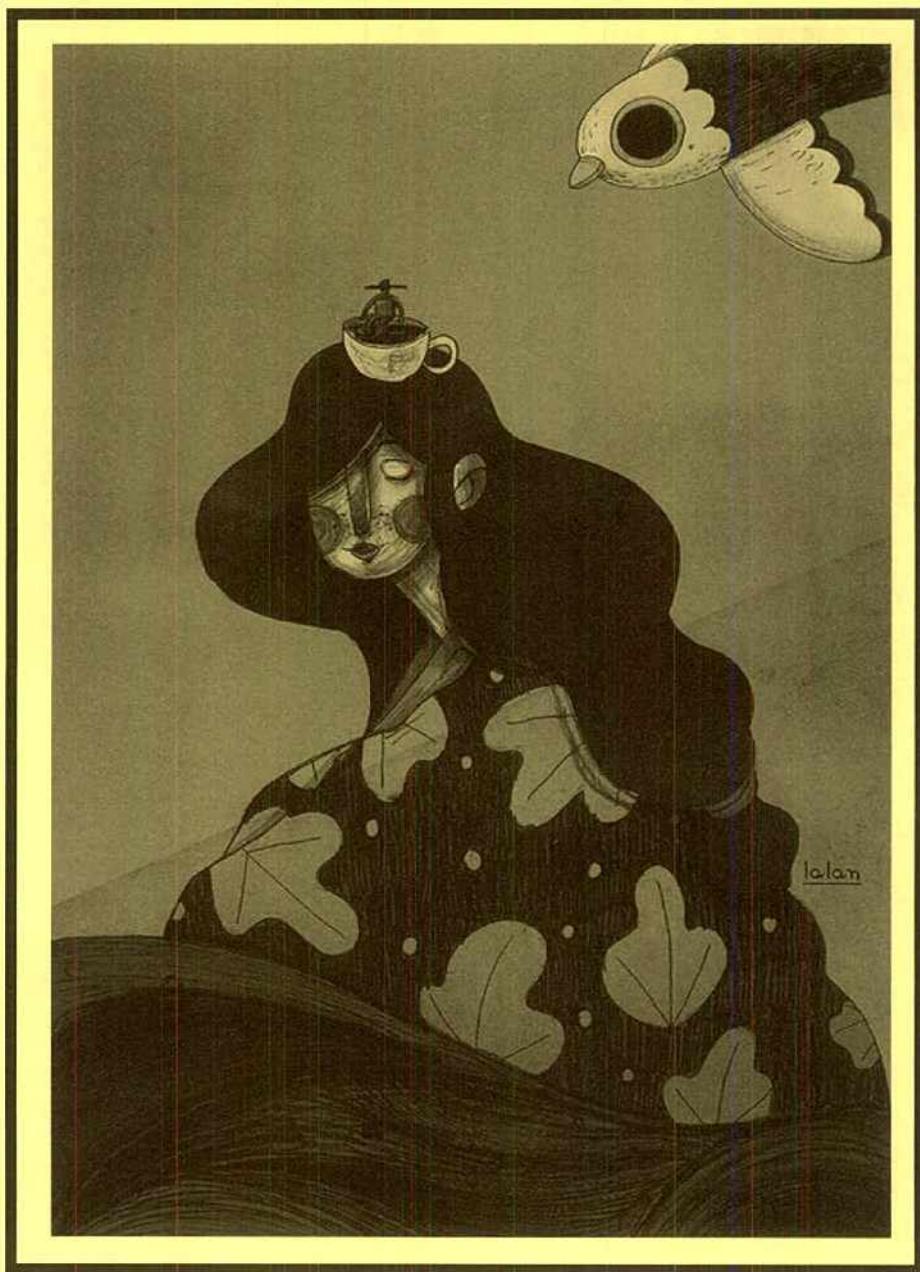
Italiana, atualmente vive embarcada. Viaja pelos mares apresentando o mundo ao seu filho Leone, de três anos



1 - Yuma Martellanz, nas Ilhas Virgens Britânicas (Foto: Oscar Garcia); 2 - Leone e Giorgio, Ilhas Virgens Britânicas; 3 - porta da casa, em Holguín, Cuba; 5 e 7 - Manifestação de artistas e estudantes em Puerto Rico. O 'Pelotão de

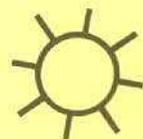


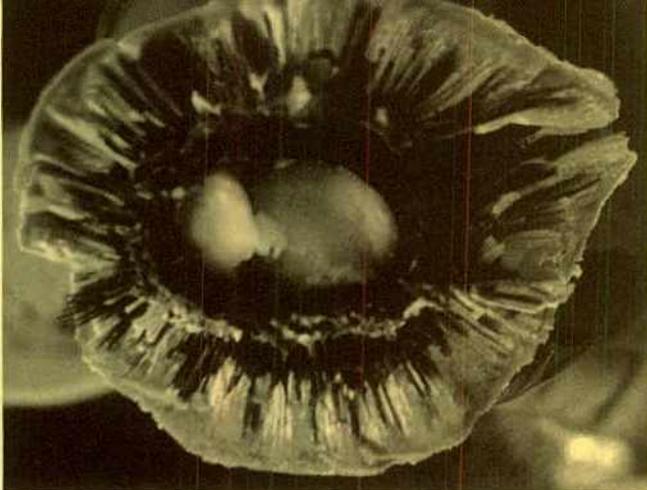
Em Cuba, pedindo carona no Porto de Vita, rumo à Holguín; 4 - Escola Nacional de Balet de Cuba; 6 - Menino toca violoncelo na Alhaços de Polícia'saiu às ruas no Primeiro de Maio para protestar pacificamente contra a relação de subordinação aos EUA.



manto tropical

Ilustração de LALAN BESSONI,
artista visual em São Paulo, SP.





olhos & palavras de carla santos

pequi

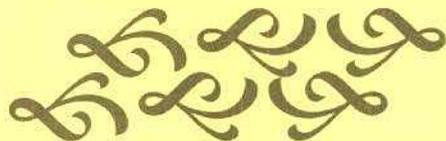
Orgânica

Sou Mulher de carne e osso!
Sou de verdade.
Verdadeira.
Como a terra,
madre primera.
POSSO
dar a vida e o seu alimento.
Sendo vida:
nasço, cresço e desvaneço
[desapareço!?!]
Sou de verdade!
Não sou de gesso.
Mas quebro, trinco, sofro e adoeço.
Não sou de aço!
mas enfrento até o laço.
LUTO. [há muitos lutos]
Luto a luta que é de muitos.
O capital e o patriarcado
doecem todos os seres.
Mas quais irão enfrentá-los?
A LUTA me veio com o ultraSOM.

A vagina me proporcionou
antes a dor do que o prazer.
Sou de verdade!
Grito.
Mijo.
Choro.
Suo.
Gozo.
Amo.
Canto.
Leio.
Rio.
Crio.
Construo.
Trabalho.
Sou mulher de carne e osso!
Sou de verdade.
Me transformo a cada dia
desde a maternidade.
Sou Orgânica,
E sigo construindo minha identidade.



CARLA SANTOS é professora de educação fundamental
e estudante de Antropologia em Foz do Iguaçu, Pr.



azul

seu segredo azul vive: lago, lágrimas
líquida superfície espelhada de metáforas
gotas de água: poetas do mundo
nas ruas empedradas
valedoura luz revelada no lago
vívidos versos em azul: Granada

azul

a Francisco de Asís Fernández

*su secreto azul vive: lago, lágrimas
líquida superficie espejada de metáforas
gotas de agua: poetas del mundo
en las calzadas
valiosa luz revelada en el lago
vívidos versos en azul: Granada*



pé de poesia

um pé de poesia:
instalação no espaço
como todos nós
que cercamos a árvore
somos
a materialidade
dos corpos e das folhas
com os nossos olhares
pousados
em letras, palavras



CRISTIANE GRANDO é escritora, tradutora
e professora universitária em Foz do Iguaçu, Pr.

Em 'Azul', tradução ao espanhol de ESPÉRANCE ANIESA

um poeta no zoo



epidemia
de poesia

Retiraram-me da selva com maldade interesseira,
passei de mão em mão.

Mesmo pedindo perdão, para a consciência
humana não havia solução.

Caçador enfurecido, talvez não tenha lido.

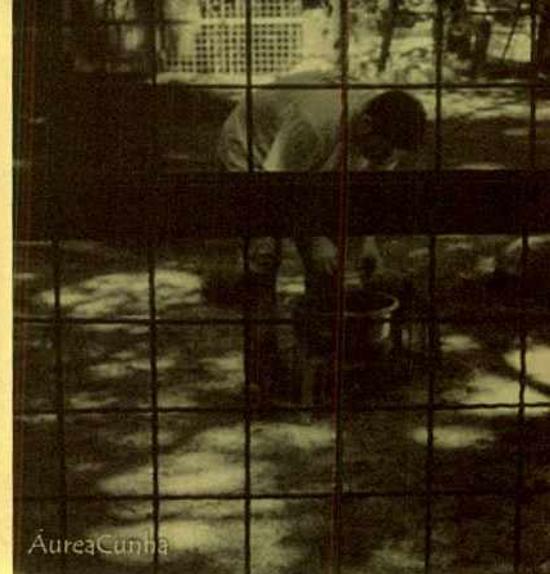
Nós também somos amigos,
e está nas páginas desse livro

Minha natureza foi alterada, um dia será restaurada. ”



Fragmento do poema 'Extração', de GABRIEL FERREIRA DE MATOS,
em homenagem às onças que já viveram no Zoo do Bosque Guarani.

'Trato amigo'. Sequência de fotos de ÁUREA CUNHA, mostra a relação construída entre o tratador Gabriel e a onça pintada 'Teca'.



um poeta no zoo

Texto e fotografias de Áurea Cunha

Ele conhece cada animal pelo nome. Gabriel Ferreira de Matos é um dos tratadores do Zoo Bosque Guarani. Este paranaense de Medianeira, 44 anos, de fala mansa trata de macacos, jacaré, ema, jabutis, pavão e da felina Teca, uma espécie de musa inspiradora. Experiente em sua profissão, ele - que trabalhou no Refúgio Biológico antes de vir para o Zoo do Bosque onde está há 16 anos - conta que não tem medo de tratar a onça, pois respeita o espaço dela. E carinho não falta através da grade.

Quando Gabriel passa no corredor inda que não seja para alimentar Teca, a onça de aproximadamente quatro anos que vive a tantos três e meio no Zoo de Foz do Iguaçu, segue-o com o olhar. “Ela me conhece pelo cheiro e pela voz”, explica o tratador.

Pela voz, completa, porque costuma conversar muito com ela. É o que uma pessoa poderia conversar com uma onça? “Elogio, ela”, responde. “Chamo de gata linda e percebo que já começa a rolar, às vezes ela me pede um carinho atrás da orelha. Tem gente que fala com plantas, eu falo com os bichos”.

Poesia para eles

‘Teca’, assim como outros felinos que já passaram pelo Zoo Guarani, são inspiração de versos do tratador/poeta Gabriel. Ele diz que a poesia entrou em sua vida mesmo antes do zoo. Encontrou na poesia uma forma de combater a depressão em um período que ficou desempregado. Mas que é no Bosque Guarani que encontrou sua principal matéria prima para escrever, ‘o amor pelos animais’.

Direito ao afeto

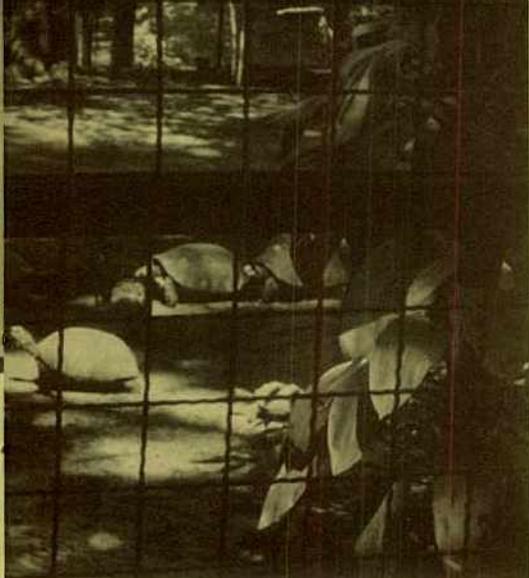
Algumas pessoas poderiam questionar uma possível ‘humanização’ dos bichos. Afinal, de fato é questionável se tratar bicho como gente. Gabriel, no entanto, trata bicho como bicho, mas não lhes nega afeto. Presenciei este chamego da onça Teca com Gabriel. O que se percebe é que há uma interação. Não se tem ali algo falseado ou exagerado. Mas afetos construídos pela convivência diária, seja ao alimentá-la ou na limpeza do recinto. Um acompanhamento e presença constante.

“Não conseguiria ser indiferente a eles (os animais), fazer o meu trabalho de forma automática”, diz o tratador.

E fala no plural com propriedade. Pois não é só com a onça que tais trocas são percebidas. Durante o percurso pelo Zoo Guarani, no qual acompanhei o tratador, outras demonstrações de carinho para com os animais foram aparecendo.

Gabriel cata uma goiaba do chão e diz. “Vou levar para o Ivan, ele adora!” E, eu, surpresa, aprendo em seguida que ‘Ivan, o terrível’ é uma ema macho, bravo, que vive só no recinto. Chamado assim por Gabriel por conta das bicadas que costuma distribuir.

Interessante também foi o encontro do tratador com um macaco prego, que atende pelo apelido de Neymar. Cumprimenta Gabriel com um tapinha de mão, no estilo: “toca aqui”. Pois é, se alguém me



Em três tempos:
Gabriel Ferreira e seus amigos, os animais do Zoo Guarani.
Com 'Teca', a onça-pintada do poema. Depois, com os jabutis e,
por último, com 'Susan', a jacaré-de-papo-amarelo.

contasse eu também diria que isso é 'conversa de tratador'.

Um outro momento que me deixou intrigada mesmo foi com um jabuti ancião, o 'Aristides'. Normalmente os quelônios – nome dado à ordem a que pertencem répteis como jabutis, cágados e tartarugas, que teria surgido no mundo entre 230 e 195 milhões de anos atrás – com suas duras cascas não são exatamente o que chamamos de "bichos fofos". Mas não é que o jabuti deixou o alimento que tinha acabado de ser servido e, com sua lentidão peculiar, veio para junto do tratador, ficando a seus pés com olhar de quem queria algo mais. Se a gente não quer só comida, por que com os bichos seria diferente? Mudei o meu conceito sobre bichos fofos.

Paciência, ótima pedida

Enquanto andamos pelas trilhas do Zoo, as histórias e peculiaridades de cada bicho vão brotando na prosa de Gabriel. 'Susan' é uma jacaré do papo amarelo. Temperamental, ela deu uma surra na colega de recinto ao ponto da outra ter que se mudar para um outro lago do Zoo. Gabriel se aproxima da jacaré numa boa. Claro, com cuidado. Pois além de habilidade nota-se um respeito e paciência de quem conhece bem o "gênio da moça".

Ele desenvolveu uma técnica para alimentá-la. Como ela é 'bravinha', poderia lançar a comida de longe, o que seria bem justificável. Mas, não! Prefere que ela receba o alimento de sua mão, ou pelo mens da extensão desta e, por isso, espeta a carne em uma espécie de espeto e oferece à gula de Susan.

Além de alimentar aos animais, os tratadores do Zoológico limpam os recintos e, nessa convivência direta e permanente com os animais, prestam um outro serviço. Eles levam informações aos veterinários sobre mudanças no comportamento do plantel.

Gabriel se sente orgulhoso em tratar os bichos. "Tem que gostar muito, não basta chegar aqui e dar a comida de forma automática. Tem que ter dom e gostar. Tem todo um ritual de observação para poder ser um tratador completo", defende.

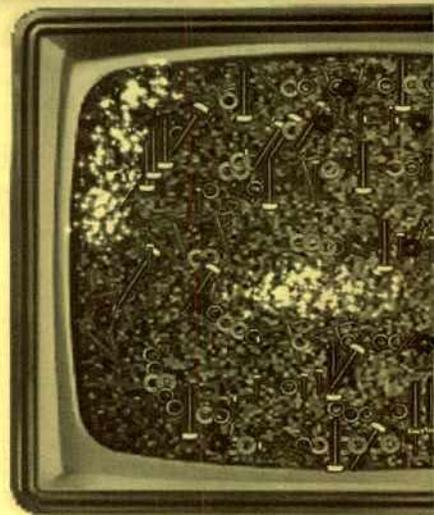
"A gente faz cursos, mas aprendemos também no dia a dia, no manejo, observando. "Procuramos diminuir ao máximo o estresse deles, estimulamos que interajam entre os de cada espécie."

Numa outra vertente do trabalho de tratadores como o Gabriel está a massificação da ideia de que tentar domesticar animais silvestres não é uma atitude sensata. Ele explica que a própria existência de zoológicos é parte da insensatez humana.

"Aqui é um centro de apoio aos animais que perderam suas casas ou seus pais. E é um centro terapêutico para nós também. É por causa das atitudes do ser humano que os animais precisam vir para cá". E prega: "Tudo tem a mão divina. Tudo é parte do meio ambiente. Os animais dependem de nós e nós deles. É o planeta Terra. Eles beneficiam mais a nós do que o inverso".

 **ÁUREA CUNHA** é fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

Fogo-fátuo



No meio de toda a confusão, a TV caiu do banquinho que a sustentava e permaneceu ligada. O pronunciamento da autoridade, dentro da caixa de led 32 polegadas, parecia uma outra língua e essa língua perdia volume e virava ruído conforme ela se dirigia para a porta dos fundos. Estava frio, mas ela não sentia frio. Estava úmido, mas ela não sentia a umidade.

As luzes azuladas, emitidas em confluência com os ruídos, compunham o plano de fundo de uma cena que em nada combinava com a vida real, embora em tudo a influenciasse. “Não renunciarei”, alguém, se sentindo Deus, gritava com despeito e arrogância de dentro da máquina mágica.

Suas pernas se arrastavam por entre as roupas e objetos jogados pelo chão. Certamente, sabiam os invasores que a bela TV era aquisição recente junto com o Iphone 6 que ela esquecera no bolso. Em casa de bandido rico, só com mandato, mas ali foi no corre-corre, com arma apontada na testa e a sorte escolhendo um lado para defender.

Seu olhar estava fixo, mas fixava lugar nenhum. Era pesada a resistência que seus músculos precisavam fazer para vencer a montanha de entulhos espalhados, mas ela se sentia leve e, sem se perceber, acabou por deixar esquecido até mesmo um sorriso sonso e deslocado que caía da boca.

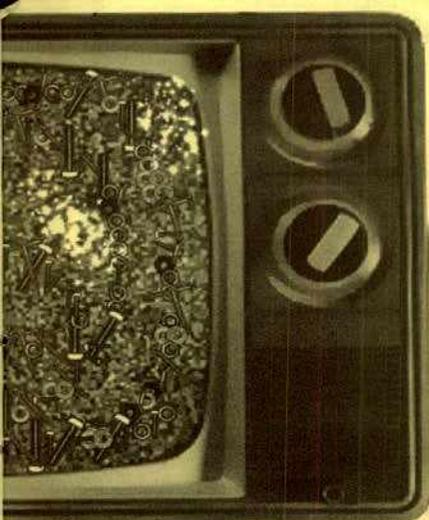
As luzes da TV, quebrando a penumbra, e os ruídos do vampiro engravatado, assediando os ouvidos, faziam daquela composição algo estranho e dado a embarçar o pensamento. Aquilo que em seu corpo garantia o equilíbrio agora

desempenhava um trabalho que a fazia ter vertigens e se sentir como uma gelatina sem estrutura. No entanto, em meio a tal letargia, seu coração resistia como um exército pulsando tão forte que era possível senti-lo na artéria do pescoço e essa era a única garantia que ela tinha, naquele momento, de estar viva.

Quando chegou no primeiro degrau da varanda, uma lágrima, que brincava de se equilibrar na ponta de seu nariz, logo encontrou o destino e foi se inundar na poça vermelha. Os olhos dela, então, encontraram os dele. Mas enquanto os dela pulsavam terror e vida, os dele já se vidravam em algo que nem parecia que tinha carregado qualquer sopro vital.

E ela nunca tinha se detido tanto tempo a mirar um cadáver. E ficou admirada ao entender ali, naquele momento, o que é esse negócio que se chama vida. Ela ficou intrigada porque aquele corpo que há poucos minutos atrás era rígido, energético, cruel e sedutor, ousado e destemido, detinha agora uma mesma rigidez, mas com informação totalmente oposta.

A rigidez pálida e mórbida de músculos que, agora eram apenas músculos, e de uma pele que, agora, era apenas pele e não um sistema integrado que, quando composto, fazia daquele homem de 1,88m um verdadeiro cavalo em desempenho e apetite. A energia, que há poucos segundos, sustentava um sorriso desaforado e umas mãos quentes e úmidas, era agora uma força que se espalhava pela atmosfera e que, tendo provido daquele corpo, agora rumava a se diluir no nada. E ela entendeu que aquilo era o fim da vida e que aquele corpo, já não era mais o corpo quente que a fazia estremecer debaixo da coberta.



Ela ainda não tinha tempo de racionalizar a sua dor ou de fechar seu luto, porque aquele enigma existencial preenchia todo o seu ser. Seus olhos não conseguiam mirar outra coisa que não fosse a massa moribunda que ela sequer conseguia mais chamar de corpo. “Como é possível? Como é possível?”

Ela, justamente ela, moça quase sem instrução, sem estudo, por que tal dilema existencial tinha que adentrar justamente ela? Já era hora de se ajoelhar em cima do cadáver e gritar e rezar como todas as vizinhas que perderam seus homens fizeram antes dela, mas a pobre criatura se encontrava paralisada por seus pensamentos que chegou a considerar cruéis.

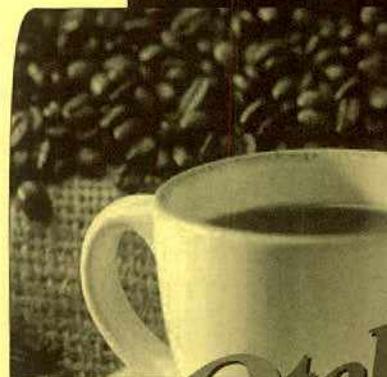
“Como é possível me deter ao músculo, aos pelos, ao hálito, em um momento como esse?” Mas o fato é que ela continuava lá, admirando a falta de vida, entendendo, portanto, o que poderia ser essa coisa chamada vida, vendo o homem mais temido e poderoso que já conhecera diminuído a sua biologia e fragilidade, se sentindo ela, também, muito frágil, “uma má cristã”.

Mas a igreja já não fazia mais sentido, a casa já não fazia mais sentido, a autoridade que falava na TV já não fazia mais sentido, a polícia, maldita, que tirou tudo do lugar e acertou a bala fatal bem no peito já não fazia mais sentido, nem o peito fazia sentido. Só aquela atmosfera de vida que se dissolvia pelo ar fazia sentido.

Aquela atmosfera com um cheiro fêrrico de sangue coagulado. Aquela atmosfera fria. Mas ela não sentia frio. Aquela atmosfera úmida. Mas ela não sentia a umidade. Aquela atmosfera que era sorvida por seus pulmões e que fazia com que ela, sem querer, se enchesse do ar que era o último resquício de vida dele e que, em vez de fazer o oxigênio adentrar suas células, acabava por fazer com que a morte fosse tragada e entendida pelo seu corpo. *



RAFAELA MARTINS é atriz e jornalista em Londrina, Pr.



SuQtel

café
chocolate quente
sucos naturais
e de polpas

doces & salgados
pastéis especiais
lanches
refeições rápidas

De Segunda a Sexta:
Das 7h15 até 18h30
Aos sábados, até as 14h30

**Aceitamos
cartões de crédito**

EM FOZ DO IGUAÇU:
Rua Quintino Bocaiúva, 653
Telefone: (45) 3572.5272

Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975

Nas tentativas de escrever a saudade

O papel fica como o peito,
como boca, ...vazio! Sem saber
distinguir o elo entre eu e você.
Não o sei escrever, pois o vazio
estabelecido aqui é um sinal
de que junto contigo,
foi um pedaço de mim...
um pedaço de nós...

Entre sintomas e a falta de palavras!

Me proponho a um estilo mais *libre*;
a gozar da liberdade e da poesia,
para ter nada mais do que saudade.

A saudade tem sido meu remédio
de doses diárias, somado a gotas
de distância. E agora até o que era
mais fácil me desafia!
Ser poesia, necessita, além da arte,
estar unido junto a milhões
de você, de vocês.

Navegar de mãos dadas e espalhar
grandezas requer pensamento firme,
espírito de liderança e algum talento,
dizem. E alma! - digo eu.
É dela as saudades.

Cada um dos que não estão por aqui
me deixaram marcas. Com elas,
a certeza de que, em síntese,
sou uma soma de gente ímpar.
Viver assim me ensina a cada
momento como a saudade de coisa do
passado é, mesmo que de longe,
estar presente.
O tempo todo, todo o tempo!

VALENTINA VIRGÍNIO

olhos & palavras



'REVOADA', fotografia de Amanda Engel



AMANDA ENGEL é estudante de Enfermagem e faz música em Foz do Iguaçu, pr.

ANGÉLICA PEREIRA é estudante de História em Foz do Iguaçu.
Temporariamente vive em Fortaleza, Ceará, onde desenvolve estudos na Unilab.

FLÁVIO JR. é formado em Ciências Humanas e cursa licenciatura em Pedagogia na Unilab.
Também faz pós-graduação em psicopedagogia clínica. Vive em Redenção, CE.

GIME MACHADO, uruguaia, formada em Ciência Política na Unila. Vive em Montevideú, UR.

VALENTINA ROCHA VIRGÍNIO estuda Geografia, é professora e atriz em Foz do Iguaçu, Pr.

Nota: Unilab - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.
Unila - Universidade da Integração Latino-Americana.

Sobre mudanças

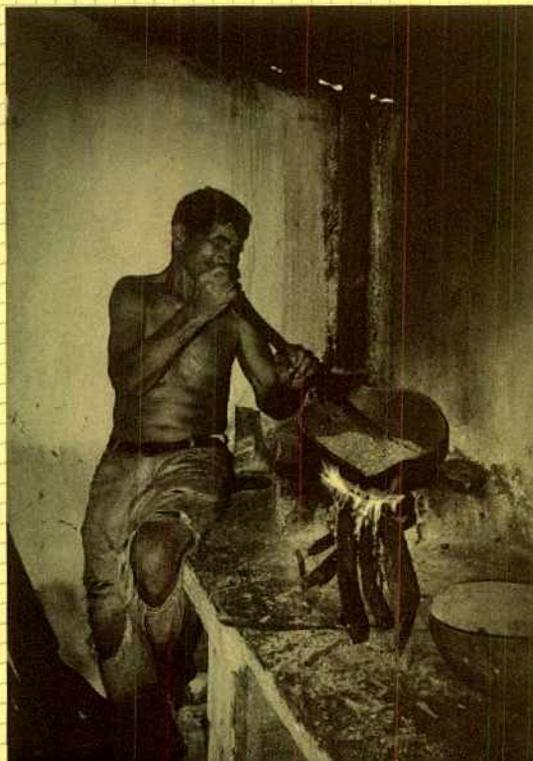
Sobre mudanças, mudança de casa, cidade, corpo, eu; novas experiências, independência, aprendizados, cara quebrada, dificuldades, crises, dores, amores, desamores, problemas. Vixe! Inúmeras situações, mas em todas elas consta um mesmo sentimento. SAUDADE!

Sinto falta de tanta coisa, que nem sei mais explicar. Ela, a dona Saudade, já faz parte de mim.

Todo dia tenho que lidar com ela. Hoje acho até que já somos amigas, ela me ensinou que apesar de ser difícil é bom senti-la, por que é um sinal de que tem sido bom. Que o jardim do coração está cada vez maior embora fique murcho, às vezes.

É importante cultivar, porque, afinal de contas, quem sente falta de coisas ruins?

ANGÉLICA PEREIRA



De ida y vuelta

Esta pequeña capital al Sur nos regala faroles de colores, y rinconcitos de encuentros. Caminamos envueltos en el olor a mar, caminatas interminables fundiendo las charlas con el mate compañero.

Me siento confundida, ¿será hacia el más acá a dónde quiero ir? No lo sé, el ahora carece de mucho sentido, prefiero disfrutar.

Estas entrañas están mezcladas con extrañes.... ¡ay! querida UNILA creo que estas líneas servirán para entender que hoy y después de todo, no puedo alejarme de ti, no asumo mi resiliencia a dejarte ir. Hoy me encuentro en este intersticio entre el aquí y el allá, fugaz, sin tiempo ni distancia, un lugar de donde no quiero salir.

Estos simples gestos de amor se me entrelazan con un sentimiento de añoranza inmensa perdida en recuerdos cansinos. Ya lo cantaron "Uno vuelve siempre a los viejos sitios donde amó la vida" y a mí la vida me regaló un par...

GIME MACHADO

'CALOR', fotografia de Flávio Jr.

H2FOZ

O portal das Cataratas



WWW.H2FOZ.COM.BR



lalan bessoni

**ILUSTRAÇÃO
& DESIGN GRÁFICO**

www.flickr.com/lalanbessoni

lalanbessoni@gmail.com

Alguém me chamou

Alguém me chamou?

Alguém me chamou numa reunião de silêncio,
que encanta a minha palavra de grito!
Alguém me chamou de porta aberta
de desintegração
e da fechadura de integração perdida pelo espanto.

Alguém me chamou?

Alguém me chamou numa tristeza dança sem ritmo,
dança que corre das gargalhadas frustradas.
Alguém me chamou pelo testemunho vingança
da chuva, que enfeita o sorriso do meu carnaval.

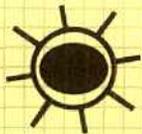
Alguém me chamou?

Alguém me chamou na reunião dos magros,
que sai os fumeados pelo manifesto de escândalos.
Alguém me chamou na igualdade de um livro
sem escrita e na cantiga da ideologia falsa!

Alguém me chamou?

Alguém me chamou pelo segredo da especulação,
que semeia o padrão dos sapatos velhos.
Alguém me chamou na festa dos inimigos da
felicidade e no agravamento de cachaça de tio Paulo.

EMÍLIO DOS SANTOS JR.



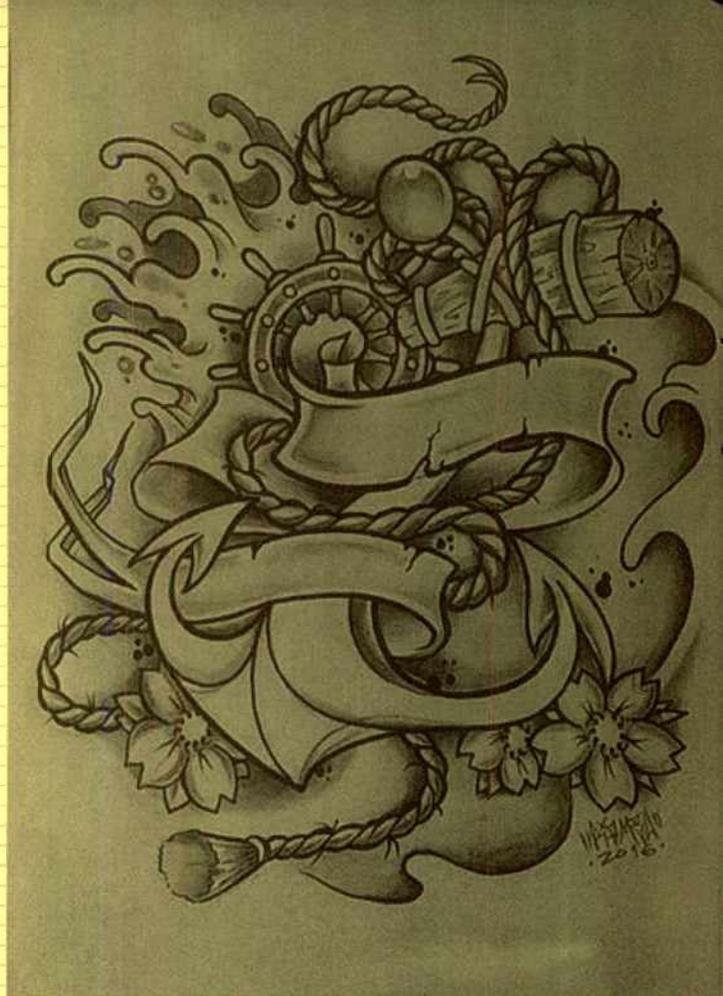
ALANA CARLA HAUPTT CENTINE BORGES é bióloga por natureza
e praticante de escalada esportiva em Foz do Iguaçu, Pr.

EMÍLIO DOS SANTOS FERNANDES JUNIOR, é de Guiné-Bissau.
Estuda no curso de Bacharelado em Humanidades, da Unilab, em Fortaleza, CE.

FERNANDO DIAS GOMES 'PIGMEU' é autodidata.
Ilustrador, grafiteiro e tatuador em Foz do Iguaçu, Pr.

SILVINA SOSA é uruguaia e atualmente vive em Santiago, no Chile.
É mestrandia em Integração Contemporânea na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr.

VICTÓRIA NOGUEIRA é comerciária e estudante de Ciências Contábeis em Manaus, AM.



'ESTUDO I', desenho
de Fernando Dias Gomes

Kilómetro cero

En la ciudad abrazada
por las montañas,
me encuentro en la plaza
amurallada de cemento.

Lugar de comienzos y de finales,
de encuentros y contradicciones,
de expresiones sin fin.

Las historias y los presentes
se entrelazan generando miles
de movimientos,
colores y sensaciones.

Siempre llena,
siempre en transformación.
Grandes árboles enraizados
en cemento conviven
con el ir y venir de tantos
individuos y sus experiencias.

Valdivia se levanta sobre Guaman
Poma de Ayala observando
la simultaneidad de las diferencias.
Pedacito de América Latina
que convive en la tensión
y sobrevive al temblor.

SILVINA SOSA

** Nota de edição:*

*Silvina Sosa se refere no poema
à Praça das Armas, em Santiago, no Chile.
Nela, há uma estátua homenageando
Valdivia, conquistador espanhol.
Ao lado dela, no chão, há um desenho
de Guaman Poma de Ayala, personagem
da história de resistência dos povos
originários dos Andes.*



'ORIENTAÇÃO', fotografia
de Alana Carla Borges

Caminhar

Caminhar devagar
Caminhar e esperar
Caminhar e buscar
Caminhar alegremente

Caminhar na dor
Caminhar sem parar
Eu caminho
Tu caminhas

Mas não sabemos
onde podemos chegar
Mas não sabemos
onde podemos parar
Mas não sabemos
onde podemos cansar
Mas não sabemos...

**VICTÓRIA
NOGUEIRA**

Orientação

De olhos abertos
a frequência se desola,
tudo vira inércia,
gira mundo e seus pés não param.

Fechar os olhos
e poder sentir as moléculas
que vibram intensamente
tudo se multiplica se alinha.

Caminha
mundo paralelo de desordem
onde todos os olhos não se fecham
e assim sonhamos desacordados.

**ALANA CARLA
HAUPTT BORGES**

Travo democrático

É próprio das forças que dirigem o Estado recorrer ao monopólio da violência sempre que a população ocupa o espaço da luta política. Os acontecimentos no eixo monumental, durante o #OcupaBrasília, confirmam a regra. Por decreto, o governo determinou às Forças Armadas a repressão da manifestação contrária às reformas que tramitam no Congresso Nacional.

Em uma sociedade que conserva a hierarquia entre as classes, como a brasileira, em que as desigualdades sociais são o estofado do modo de produção das riquezas, a supressão da democracia não acontece apenas em momentos de exceção, como ocorreu dia 24 de maio em Brasília. O ordenamento institucional funciona para manter privilégios socioeconômicos e afastar o povo do real exercício da participação.

Na democracia que escora-se em classes de estratos opostos, o saldo democrático que resulta para a grande maioria da população é poder eleger seus representantes de quando e quando, e voltar ao seu

lugar de representada. As regras eleitorais encarregam-se de entronar, na maioria dos cargos públicos, sequazes de empresas e consórcios econômicos que têm na política a continuação dos negócios.

Alguém já disse que a democracia é o pior regime, com exceção a todos os demais. A reflexão, ao invés de discutir limites visa consolidar a compreensão sobre a falsa validade universal do sistema democrático. Nem universalista e nem pura, a democracia materializa-se sob condições sociais, políticas e econômica determinadas. É sempre uma construção a serviço de interesses específicos.

As formas modernas de representação democrática do Estado não são mais que instrumentos para conciliar conflitos sociais ou evitar pautas reivindicatórias populares. O escritor português José Saramago afirmou que a democracia é como uma santa de altar, de quem não se espera nenhum milagre. Para as pessoas, disse Saramago, a democracia limita-se a trocar um governo de que não gostamos por outro que, talvez, poderemos gostar.



PAULO BOGLER é agente cultural em Foz do Iguaçu, Pr.



ideal
IND. GRÁFICA

Av. dos Imigrantes, 81 / Vila Yolanda
45 3523 7176 / 3028.7176
graficaidealfoz@gmail.com
www.graficaidealfoz.com.br

OC
ÓTICA CONCEITO

Uma preciosa visão aos olhos!

Foz do Iguaçu

45 3572-4054
99853-7911

Santa Terezinha

45 3541-2278

f / oticaconceito

oticaconceito2016@hotmail.com

SUPER PROMOÇÃO!!



COMPRE QUALQUER PRODUTO
EM UMA DE NOSSAS LOJAS,
GANHE UM CUPOM

E CONCORRA A UMA TV!

Promoção válida para compras realizadas
até o dia 6 de setembro de 2017.

AS MELHORES MARCAS!

VARILUX

HOYA

Transiti@ns



Kunda
Livraria Universitária

Um amigo
secreto saudável
para sua mente.
Sem agredir
o seu bolso.



Rua Almirante Barroso, 1473
(45) 3523-4606

Alquimia
Pescados

Vida saudável tem que ter peixe na mesa!

Produção de peixe
em tanque rede e pesca extrativa

Pacu, Bagre, Piau, Tilápia, Piapara, entre outros!
Produtos oriundos da aquicultura familiar.

Peixes frescos, porções e cortes para receitas especiais
Bolinhos e linguiça de peixe, de preparo exclusivo

Telefone: **(45) 999575797**
Rua Belém, 72 - Vila C Nova

A SAÚDE DE SUA EMPRESA MERECE ESTA CHANCE.

CARÊNCIA ZERO

PARA CLIENTES DE OUTROS PLANOS.*

O plano de saúde Itamed está com uma promoção imperdível. Carência zero para você trocar agora o seu plano de saúde empresarial e contar com toda a estrutura do melhor hospital de Foz do Iguaçu, a maior rede de credenciados da região e atendimento de emergência em todo o Brasil.** Itamed. A saúde da sua empresa merece o melhor.

ANS nº 31.135-9



ITAMED

Plano de Saúde do
Hospital Ministro Costa Cavalcanti

* Promoção Carência Zero exceto partos e doenças ou lesões preexistentes. Válida para clientes de outras operadoras, com produtos devidamente regulamentados, ativos por mais de 12 meses e com as mensalidades em dia.

** Atendimento no Brasil pelo sistema ABRAMGE ou reembolso pelas tabelas praticadas. Planos empresariais a partir de 11 vidas. Promoção válida até 30/06/2017.

Mude já (45) 3576-8005

www.itamed.com.br